

As implicações de um novo evento gravídico na família de uma mulher multigesta

Lorena Barbosa Ximenes* e Zulene Maria de Vasconcelos Varela

Departamento de Enfermagem, Universidade Federal do Ceará. *Autor para correspondência. e-mail:lorenabarbosaximenes@bol.com.br.

RESUMO. Este estudo teve como objetivo compreender as implicações de um novo evento gravídico na família das mulheres multigestas. Assim, optamos pelo método qualitativo de Etnoenfermagem, aplicando o Modelo de Observação, Reflexão e Participação de Leininger (1991), com 07 multigestas que estavam realizando pré-natal no Centro de Desenvolvimento Familiar de Fortaleza. De acordo com os resultados, constatamos que as multigestas se encontravam envolvidas por uma relação de dependência com os companheiros e que esses exerciam uma relação de poder e de dominação. Dessa forma, observamos que tais atitudes de subordinação, de submissão e de abnegação estão estreitamente confrontadas com a própria relação de gênero que envolve o homem e a mulher. Logo a gravidez e a maternidade são ainda hoje, regidas por mitos, crenças e costumes que invadem a vida das multigestas, colocando sobre si uma sobrecarga que as leva a uma violência social silenciada.

Palavras-chave: gravidez, enfermagem, etnoenfermagem, família, gênero.

ABSTRACT. Implications of a new pregnancy in women's multiple pregnancy family. This study aimed to understand the implications of a new pregnancy in a family with multiple pregnancy cases. Thus, Ethnonursing qualitative method was chosen, applying Leininger's observation model, reflection and participation (1991), with 07 multiple pregnancy cases under prenatal care in the Family Development Center of Fortaleza. The results showed that women's multiple pregnancies basically depended on the relationship with their male mates, who exerted power and dominance over them. Such attitudes, involving subordination, submission self-denial are in strict accordance to gender concepts, which establish gender roles in man/woman relationships. Therefore, pregnancy and maternity are, even nowadays, ruled by myths, faiths and habits that invade the life of any women of multiple pregnancy by overloading them in terms of silenced social violence.

Key words: pregnancy, nursing, ethnonursing, family, gender.

Introdução

A gravidez implica comprometimento afetivo e emocional, com preocupações constantes das mulheres com relação à saúde e ao futuro de seus filhos, mesmo sendo experienciada em condições adequadas e satisfatórias para o seu bem-estar (Rodrigues, 1990).

O relacionamento entre o homem e a mulher durante o período gravídico pode repercutir diretamente nos cuidados com os filhos e com o lar, podendo, assim, causar uma ruptura no entendimento natural da maternidade e da paternidade.

Para Moreira (1997):

...os exercícios da maternidade e da paternidade são elementos de afirmação e transformação da identidade de gênero. Ser mãe e ser pai transcende ao aspecto biológico da questão porque são vivências humanas significadas socialmente balizadas pelas relações de gênero.

As regras sociais, históricas e culturais de cada sociedade vêm refletir diretamente na conduta da mulher e do homem quanto à questão da maternidade e de paternidade, revelando que a mulher continua com a sua função inerente em relação ao cuidado dos filhos e dos afazeres domésticos como deveres femininos e que cabe ao homem assumir o seu papel de provedor (Moreira, 1997).

Essa dominação masculina tem relação com a própria iniciação do homem em atividade da caça e, posteriormente, com o aparecimento das sociedades agropastoris, advindo a idéia de propriedade, em que o homem, ao se tornar o detentor da produção de alimentos e de bens, passou a apropriar-se da mulher, dominando-a e consolidando o poder masculino (Silva, 2001).

Tal constatação é feita por Toscano e Goldenberg (1992: 77):

... transformações se sucedem muito rapidamente, os padrões, as expectativas e os desejos não conseguem acompanhar tais mudanças. Há um descompasso, um

momento de atraso entre o que acontece no mundo exterior e os padrões internos de cada um, oriundos da formação familiar e de modelos culturais muito enraizados. Daí a convivência, muitas vezes dramática, entre velhos e já superados padrões de comportamento e novos modelos que ainda estão sendo construídos.

É importante salientar, no entanto, que o movimento feminista teve importante atuação sobre as várias conquistas femininas na sociedade, proporcionando grandes mudanças no *status* da mulher brasileira, nas suas relações com os homens, na sua opção pela profissionalização e no seu sucesso social e econômico em contraposição à maternidade.

A imagem de que a mulher tem função primordial de mãe, dona-de-casa, protetora e amorosa ainda vem perpetuando-se no decorrer da evolução e da emancipação da mulher. Entretanto há muita controvérsia em relação à maternidade, pois, se ainda vigora essa visão estereotipada da mulher quanto às suas funções na sociedade e na família, existem outras mulheres que decidem percorrer caminhos relacionados à sua profissão e ao *status*.

Mesmo com as modificações expressas sobre a paternidade, com o papel mais participativo do homem na unidade familiar, as mulheres imaginaram que, ao compartilharem dos mesmos direitos e deveres, ocorreria uma divisão igualitária entre os gêneros. Contudo não foi isso que aconteceu, pelo contrário, as mulheres passaram a ser mais participativas no orçamento familiar, o que resultou em uma sobrecarga e em um desempenho de funções, visto que continuaram com a principal responsabilidade de cuidar dos filhos.

Neste estudo, tivemos como objetivo compreender as implicações de um novo evento gravídico na família das mulheres multigestas.

Material e métodos

Para este artigo, utilizamos a abordagem qualitativa, pois quando se procura trabalhar com fenômenos sociais, relações humanas, hábitos, aspirações, atitudes, valores, crenças, opinião e motivos de cada pessoa, em sua singularidade, o uso desta abordagem favorece a descrição detalhada de uma determinada realidade, ou seja, uma compreensão do fenômeno que se quer investigar (Spradley, 1980; Minayo e Sanches, 1993; Minayo, 1996; Haguette, 1997).

Optamos, então, pelo método qualitativo de Etnoenfermagem de Leininger (1991), utilizando o *observation-participation-reflection Model* (Modelo de Observação, Participação e Reflexão) o qual auxilia o pesquisador a estudar o cotidiano das pessoas de uma maneira sistemática e reflexiva.

Para tanto, realizamos visitas domiciliares durante 04 meses, com 07 mulheres multigestas que estavam fazendo o acompanhamento pré-natal no Centro de Desenvolvimento Familiar de Fortaleza.

Como estávamos nos propondo a trabalhar com mulheres grávidas, consideramos ser imprescindível, como pesquisadoras, seguir e respeitar os princípios legais e éticos vigentes da Resolução n.º 196/96. Desse modo, enviamos o projeto ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Ceará, o qual foi deferido.

Obedecemos, portanto, às recomendações dessa Resolução, visando proteger os direitos, a dignidade e a integridade do ser humano, considerando os princípios éticos durante todos os momentos do estudo, assegurando o sigilo e anonimato das informantes, o livre acesso às informações, bem como a liberdade para sair da pesquisa em qualquer momento. Para garantir o anonimato das multigestas, foram-lhes atribuídos nomes de mulheres bíblicas, visto que, apesar de não serem contadas nos censos da época, hoje podemos vê-las em livros históricos.

O fato de os encontros acontecerem semanalmente favoreceu um vínculo mais estreito entre pesquisadora e informante, pois a interação e a convivência já estavam totalmente estabelecidas, reconhecendo, assim, o momento de realizar a entrevista aberta com as multigestas.

A entrevista é um ótimo recurso para se obterem dados em uma pesquisa de etnoenfermagem, conseguindo alcançar dados que reflitam a visão de mundo dos informantes segundo o fenômeno que se deseja estudar, permitindo que contem, com seu próprio estilo, sobre o tema.

Durante o processo analítico utilizamos as 04 fases referentes à análise, segundo Leininger (1991), visto considera-las adequadas ao estudo, possibilitando apreender os significados contidos nos conteúdos das informações obtidas dos informantes do estudo e os diversos significados culturais quanto a vinda de um novo filho na vida das multigestas.

Resultados

Hoje a mulher tem conquistado vários espaços nos âmbitos social, econômico e político, os quais antes eram restritos ao homem. Com isso, a mulher tem adquirido vários papéis e *status* que têm acarretado maior acúmulo de funções e de responsabilidades fora e dentro de casa, implicando uma dupla jornada de trabalho, e levando-a a uma sobrecarga física, mental e emocional.

Em contrapartida, a função do homem na unidade familiar também tem apresentado grandes transformações. Nessa fase de transição, tem-se percebido uma atuação mais participativa dele nas atividades domésticas e no cuidado com os filhos.

Entretanto essa divisão do trabalho no lar ainda está ocorrendo de uma maneira muito sutil, pois fica imposto que ela, além de inserir-se no mercado de trabalho, participando ativamente do orçamento familiar, também assume suas outras responsabilidades dentro de casa.

A preocupação quanto ao sustento da família, a sujeição a comportamentos extraconjugais do companheiro, a busca de meios para satisfazer suas próprias necessidades, e o círculo de amizade foram preocupações relatadas pelas multigestas, ao experienciarem a gravidez.

Apesar das grandes evoluções que têm ocorrido no seio familiar, o homem, ainda, continua gerenciando o orçamento, sendo seu papel o de mantenedor da casa através dos recursos financeiros, e sobre a mulher ficam as várias exigências de que assumam seus vários papéis e responsabilidades com ótima performance.

“... quando chega uma cobrança lá em casa, eu fico perturbada, porque a tensão fica toda em cima de mim, fico nervosa, me chateio... A gente tem umas contas, eu que é pago tudo, eu é que controlo tudo, porque ele é meio estragadão, aí ele me dá o dinheiro para pagar as contas. Ele é muito relaxadão, em tudo é relaxadão” (Noemi).

“Porque tudo aqui é comigo... às vezes eu deixo de trabalhar pra resolver as coisas do menino, na escola do menino, porque eu que tenho que deixar, porque não sou eu que sou a dona de casa. Aqui é o seguinte: tudo quem resolve sou eu, ele só faz “tá aqui o dinheiro, paga aí” (Rute).

“O Saulo só pode me ajudar com o dinheiro, porque ele passa o dia fora, não dá pra ajudar com o menino não. Não tenho apoio de ninguém. Com relação ao Sérgio, eu sempre comento com ele, mas ele não pode me ajudar muito, ele me ajuda financeiramente do pouco que ele tem pra me ajudar né. Praticamente eu resolvo tudo entre mim e o Sérgio” (Sara).

Logo, em seus discursos, constata-se que as multigestas continuam ainda aceitando as várias responsabilidades que foram atribuídas e influenciadas pela família, pela sociedade e pela igreja, segundo as quais a mulher tem que cuidar do lar, perpetuando a espécie, criando e cuidando dos filhos e do companheiro, subordinando-se à ultrapassada ideologia e à concepção da mulher dos tempos passados. Acostumadas e conformadas com o papel do homem, as mulheres reconhecem, cada vez mais, a ausência do companheiro durante o período gravídico e no cuidado dos filhos e nos afazeres de casa. Uma participação e uma colaboração irrisória dele na unidade familiar.

Há, portanto, a postura do homem como somente provedor da casa foi considerada no estudo feito por Baptista (1995, p. 53), quando ressaltou que o único comprometimento do homem está voltado totalmente

para o trabalho, pois, segundo a autora, para o homem a sua:

... prioridade número um seria sem dúvida o trabalho.... O homem ‘naturalmente’ delega à mulher a responsabilidade da casa e dos filhos e a mulher ‘naturalmente’ imputa ao homem o sustento da estrutura familiar, também ‘naturalmente’ abarcada por ele.

A preocupação quanto ao sustento da família, por parte das multigestas, relaciona-se, mais precisamente, quanto à situação econômica de seus companheiros, aos quais é atribuída tal responsabilidade, pois o fato de elas não exercerem um trabalho remunerado aumentava a dependência econômica.

Os companheiros de Rebeca e Noemi encontravam-se desempregados, levando-os a ficarem preocupados com a situação, principalmente pelo fato de agora saberem que uma nova criança estava para fazer parte da unidade familiar.

No que diz respeito à situação financeira de Rebeca, ela tinha um provimento mensal, sendo ela própria quem sustentava a casa, pois exercia a função de empregada doméstica na casa de sua madrastra, que preferia que ela trabalhasse na sua casa do que na casa dos outros, sendo maltratada. Mas isso não impedia que seu companheiro ficasse chateado com a situação, porque ele se sentia culpado pelo fato de Rebeca estar grávida, tendo que trabalhar e ele ficar em casa sem poder ajudá-la financeiramente.

“Ele se preocupa que ele já está com dois anos parado, antes nunca tinha feito nada, veio aparecer agora nesse mês, foi que apareceu um bico agora, porque navio é uma coisa passageira. Aqui e acolá ele fica nervoso, mas eu não tiro a razão dele, porque ele sabe que só eu estou trabalhando, ainda estando no estado desse, né.” (Rebeca).

Quanto à situação financeira de Noemi, pode-se dizer que era bem mais difícil, visto que só tinha a ajuda financeira de seu pai. Os demais familiares sabiam de suas condições, mas não a ajudavam em nada.

“Ele está há mais de 02 meses desempregado, e como o nenê está chegando aí a cabeça dele também não está muito boa também... A situação está muito difícil, ele não conseguiu emprego. Entrego nas mãos de Deus, eu me preocupo, mas agora Deus é que vai tomar conta. Ninguém ajuda, minha mãe verdadeira criou os 04 homens e me deu. Ela não me criou, ela não me quis e sabe da minha situação e não me ajuda, nem os meus irmãos, só o meu pai. Logo eu não vou pedir, ela sabe que eu tô precisando” (Noemi).

Vale salientar que, dos companheiros que estavam trabalhando, somente um não tinha emprego fixo e ainda ganhava muito pouco para sustentar a mulher e

o filho. Por isso, Sara sempre se mostrava preocupada com a difícil situação financeira, pois o salário não era suficiente para sustentá-los e tinham que continuar morando com a sogra por causa do filho, embora soubesse que isso não era agradável.

“Porque é minha opção está aqui, porque lá na barra não tem recurso nenhum pro Sérgio, aí já que aqui é muito melhor. Aqui aparece alguma coisa. Lá é pior, que não tem água, luz, falta gás, e ... Eu não tô na minha casa, tô na casa dos outros, sem escolha de vida, né. Eu tenho que ficar aqui, mas por causa do Sérgio, pra ele é melhor. Mas se eu pensasse em mim, pra minha cabeça é lógico que iria querer ficar na barra. Pra mim eu não preciso de luxo, mas o Sérgio... Ele tem que ter as comida dele. Tá péssimo morar aqui. Eu não sei o que é que vai ser da minha vida” (Sara).

Com o convívio com as multigestas, constatei que elas se sujeitam a comportamentos extraconjugais de seus companheiros, mesmo tendo sentimento de repulsa.

O temor por ser o homem o único que pode ajudar em casa, por não terem elas condições de enfrentar sozinhas as dificuldades da vida, não conseguindo dar o sustento para os seus filhos, vindo esses a sofrer e a ter prejuízos, resulta em uma aceitação e uma conformação por parte das multigestas, mesmo com raiva e magoadas.

Nos depoimentos de Noemi e de Sara, foi referido o relacionamento extraconjugal pelos seus companheiros durante essa gravidez.

Já no caso de Rute, o seu marido apresentou tal atitude quando ela estava grávida do seu segundo filho. Apesar de ele dizer que não iria ter outro caso novamente, isso não a impediu de sempre desconfiar dele, deixando-a nessa gravidez insegura quanto à possibilidade de seu companheiro ter um novo caso que viesse atrapalhar seu relacionamento conjugal.

“Eu tinha esse pensamento que jamais ia acontecer comigo, né. Toda mulher tem. Quem é que vai gostar de descobrir que o seu marido tem outra mulher. Eu fico logo com medo quando ele vai viajar, eu fico logo com medo tá entendendo. É porque eu não tenho mais confiança, que eu tinha nele, antes eu confiava nele 100%. Hoje eu não tenho mais esta confiança. Eu confio nele desta porta pra dentro. Não tenho mais essa segurança. As vezes, eu me sinto insegura devido isto ter acontecido no período da gravidez também.” (Rute).

Rute sofreu muito na época em que soube da traição e buscou, então, um trabalho remunerado fora de casa, já que antes só realizava atividades domésticas.

Desde que está trabalhando como professora, nem ela nem o companheiro desejam que pare, pois é uma maneira de estar com sua mente sempre ocupada e, conseqüentemente, não perder seu tempo em pensar e

discutir por motivos supérfluos. Sendo assim, o trabalho a deixa realizada profissionalmente, bem como é uma válvula de escape para não ter maiores problemas com o seu companheiro.

“Tá com três anos que eu trabalho, ave maria, mas apesar do salário, eu me sinto realizada. Foi justamente quando eu achei que o trabalho pra mim seria uma maneira de desopilar total, justamente foi o que aconteceu, eu não tenho mais tempo de me ligar em certas besteiras” (Rute).

Vale salientar que, no caso de Noemi, a gravidez foi muito difícil, pois, além de seu companheiro ter tido um relacionamento com outra mulher antes de ela engravidar, no dia em que ela recebeu o resultado positivo de sua gravidez, soube também que ele tivera um caso com uma amiga que é considerada como sua irmã, tendo tal notícia a deixado muito triste e decepcionada.

A gravidez não planejada, a traição e a condição socioeconômica difíceis, culminaram em um momento muito crítico para a sua vida, ressaltando várias vezes, em seus comentários, o desejo de separar-se, pois não aceitava o comportamento do companheiro.

Percebi, no entanto, que, mesmo não aceitando a traição, Noemi continua vivendo com Rogério, porém não está tendo relacionamento sexual, pois ainda está muito magoada, enfrentando uma situação difícil de superar.

“Eu conversei com ele, mas eu perdi a confiança né, ele nega e tudo, mas... Ele diz que não gosta dela, que não quer nada com ela não. Mas ninguém quer dividir, né... Eu tô pensando assim em me separar, e eu ir trabalhar, e procurar um canto pra ir morar só. Eu não me acostumo não. Tem muitas coisas que eu não aceito de jeito nenhum em minha vida, esse negócio de mulher eu não aceito não, não dá. Pra minha cabeça não. Eu prefiro ficar só. Pra eu viver eu não preciso de homem, eu posso trabalhar” (Noemi).

No que diz respeito ao comportamento de traição do companheiro de Sara, mesmo conhecendo e estando separada dele há quase três meses, isso não a impediu, em uma das visitas na casa da sogra, de ter relação sexual com Saulo, sem tomar qualquer atitude de prevenção, levando-a a engravidar do seu segundo filho e a voltar a morar com o companheiro, pois essa era a sua única solução, mesmo sabendo que ele continuava com um caso extraconjugal.

“Eu tenho que me apegar, ficar com o Saulo. Porque senão... Lá em casa meu irmão é muito acomodado, não dá de jeito nenhum. Eu tenho que aceitar e ficar com ele. Me agarrar a ele, senão eu, Sérgio, e este aqui, o que é que vai acontecer. A situação lá tá muito difícil, tão até pensando em vender a casa e voltar para o interior. Sinceramente eu não tenho

saída. Realmente eu não sei o que vou fazer com o Sérgio e com esse que vai nascer (choro)” (Sara).

Para Sara, era muito melhor ele continuar com essa mulher e assumir somente o seu papel de pai, ajudando-a a cuidar dela e dos filhos. A relação sexual estava bem distante de seus planos, pois o ato sexual significaria para ele posse, dominação, humilhação, sobretudo, em relação a ela, preferindo, assim, que o seu relacionamento permanecesse desse modo, mesmo torcendo para que ele tomasse outra atitude, além do que teme apresentar alguma doença, por causa dos vários casos que tem.

“Hoje eu não tenho medo mais, pelo que eu já vivi eu não tenho mais, porque eu já me liberei dele, porque eu acho assim a partir do momento que eu me deitar com ele, ele vai querer tudo aquilo que ele já teve, entendeu. É assim que funciona a cabeça dele. Por isso que eu tento me afastar. Ele pode fazer o que ele fizer. Como homem eu não tô sentindo falta, mas ele me dá carinho, atenção e isso eu preciso e muito, e ele está dando...Ele é muito esquentado, ele me batia, me puxava pelos cabelos. Eu já agüentei muita coisa dele. Se eu não tivesse ido embora da primeira vez pra casa dos meus irmãos, hoje ele continuaria me batendo, me agredindo. Eu não quero ter mais nada com ele” (Sara).

A preocupação com os filhos e com o companheiro é uma realidade vivida pelas multigestas, que até se esquecem de si, não buscando meios de satisfazer suas próprias necessidades, não só relativas à própria gestação, mas às demais necessidades que dizem respeito à questão da mulher, ou seja, do próprio ser humano.

Já algumas das multigestas que estavam um pouco preocupadas com a sua condição física consideraram relevante dar uma maior atenção à sua saúde, com medo de que algo acontecesse com elas ou com o filho durante o parto.

“Eu não me cuido, eu não ligo pra isso não. Isso pra mim não importa. Hoje eu não tenho mais nada. Eu não preciso de luxo não. Não gosto de sair, passear, me pintar. Eu aceito tudo numa boa. Pra mim, tá tudo bem. Eu já sofri muito nesta vida, por isso pra mim, tudo tá bom, eu não preciso de luxo não” (Sara).

“E você sabe que eu não tenho muito amiga, e durante o dia eu fico só fazendo as coisas da casa. Quando eu paro para descansar, eu durmo um pouquinho, aí a tarde eu vou pra igreja, é no momento que eu tenho um tempinho pra mim. Lá é o meu refúgio mesmo” (Noemi).

“Essa gravidez eu tô me cuidando mais, porque eu tô sentindo mais coisa, aí eu vou logo perguntar e me informar, na outra eu era bem tranqüila” (Raquel).

“É, na primeira, eu era jovem, passava creme pra não ter estria, me cuidava um pouquinho mais. Hoje eu não ligo mais para isso, não. Tô sentindo dores na barriga. Tô diminuindo a comida, tudo o que pode me

deixar mais gorda. Tô me cuidando mais, porque estou com medo do parto. De algo acontecer comigo, eu não fico preocupada com eles, porque a mãe cuida. Mas sempre é bom a gente tá de perto olhando, mesmo que não possa cuidar deles” (Ana).

“Eu não tenho muito com que me preocupar, não. Eu acho assim, toda mãe se preocupa né, até porque eu já passei por isso, uma operação, uma cesárea, a gente pensa se preocupa com isso. O povo, eu não sei, que diz que o parto cesárea após os trinta se torna mais arriscado, eu acho... eu não sei né. Eu acho que não chega nem nos nove, a minha barriga é grande. Meu medo também é que o menino nasça antes. Logo o povo me fez muito medo, eu com três meses, ave maria isso é dois menino, tua barriga é enorme” (Rebeca).

Como a filosofia de vida atual é a competitividade, cada um buscando os próprios interesses para poder alcançar suas metas, o círculo de amizade tem recebido influências. Por isso, a amizade para algumas das multigestas quase não existe, por não confiarem mais nas pessoas, pois acreditam que não mais existem amizades que possam promover um clima de cumplicidade, levando-as a confiar somente em Deus, acreditando que Ele é o seu único amigo e refúgio.

Em contrapartida, outras multigestas não só conseguem ter amigas confiáveis, como encontrar apoio em alguns vizinhos, apesar de também existirem pessoas que não conseguem ter um clima harmonioso com a vizinhança, levando-as até mesmo a sair de sua casa própria e alugar outra em um local diferente, pois era inviável a convivência.

“A minha cunhada é a única pessoa que eu desabafo, porque ela também tem o mesmo problema. Ela mora no José Walter, mas eu ligo pra ela e ela pra mim, e a gente fica se desabafando, ela fica desabafando os problemas dela e eu desabafando dos meus. Agora que o telefone tá bloqueado lá em casa não tem como conversar, porque eu tenho que conversar com alguém senão eu não agüento, eu vou explodir. E dentro de casa é como se tivesse num ambiente fechado, com aquela pressão coisa ruim, aí eu saio e vou conversar” (Noemi).

“Eu falo com todo mundo, a minha amizade é assim mesmo, é só oi tudo bem. Eu não sou de conversar, de ficar em calçada, agora ele não, ele sabe tudo o que acontece na rua. Eu não tenho amiga, não tenho uma pessoa em que você confie, você sabe né, a gente começa se abrir com a pessoa, mas você sabe, né as pessoas sempre decepcionam, as pessoas são falsas, porque se você confia em alguém se desabafa, depois a rua toda tá sabendo. Meu refúgio mesmo é Deus. Se não fosse Deus, eu já tinha ficado doida mesmo” (Noemi).

“Meu casamento começou a partir daí que eu aluguei essa casa, porque a casa que eu comprei, infelizmente lá não deu certo, devido certas pessoas. Mas de lá

pra cá tá cem por cento melhor. Aqui eu conheci essa menina daqui da frente, e eu me abro demais com essa menina. Ela faz maior festa com esse menino novo, como se fosse o filho dela” (Rute).

“Eu me dou bem com a irmã dele, mas essa que mora perto daqui eu não gosto, não. Eu sou uma pessoa pobre, mas eu sou uma pessoa sincera, não gosto de falsidade, eu não gosto de fofoca essas coisas não, aí ela gosta aí eu me isolo sabe” (Raquel).

“As meninas aqui do colégio que é bem aqui, elas são como se fossem minhas irmãs. Aqui é um bairro pobre, mas é um bairro cada qual no seu canto. Ninguém se mete na vida de ninguém” (Raquel).

“Se eu tô com problema eu conto pra minha irmã e fica só entre nós duas. Se ela tem um problema, ela conta pra mim, e fica só entre nós duas, nem pra mãe a gente não conta” (Ana).

“Eu sou de casa, não gosto de andar na casa de ninguém. A minha sogra lá e eu aqui, por isso que ela gosta de mim e eu gosto dela. Graças a Deus, que eu sempre que eu tô precisando de alguma coisa eu recorro a minha mãe. Eu não passo os meus problemas pra ninguém, só a Deus mesmo. Falar com o vizinho eu não gosto, nunca gostei. Pode até existir uma pessoa confiante, mas eu pra mim eu acho que eu não tem pessoa muito confiante. Eu fico mais pra mim mesmo. Eu sempre fui assim mesmo, porque é de mim mesmo eu só confio em mim e em Deus” (Rebeca).

É oportuno salientar que algumas das multigestas não podiam escolher o que consideravam mais importante para as suas vidas, por exemplo, ter amigos, trabalhar, sair de casa, realizar alguma atividade de lazer, dentre outras, pois só faziam, muitas vezes, aquilo que seus companheiros aceitavam. Porém, no íntimo, o desejo de realizá-las era expresso em suas faces, contudo preferiam agradar seus companheiros, ficando caladas, aceitando tal comportamento e evitando maiores problemas com eles.

“Eu achei melhor de ter saído de lá. Eu sempre trabalhei fora, agora tá um pouco difícil, mas é assim mesmo. Agora eu tô me acostumando. Ele preferiu que eu ficasse aqui. Depois que eu ganhar, vou dar um jeito de achar uma pessoa pra mim ir trabalhar, eu não dou não. É bom você trabalhar, você ajudar, ficar ajudando a seu marido, a seu filho mesmo né. Por mim, nós vamos ficar aqui mesmo, tanto faz. Aonde ele for ficar, né. Agora eu faço como diziam. Aonde ele vai eu tenho que ir” (Lia).

“É porque ele tava querendo mostrar pra mim que ela não era minha amiga, né, que as minhas amigas eram falsa. Porque quando eu não conhecia Deus, a gente brigava muito, eu pegava faca, ele tomava a faca de mim, eu rebojava coisa nele. Eu era muito nervosa, uma pessoa totalmente descontrolada. Agora eu tô mais calma. Agora eu tô indo pra igreja,

ai minha cabeça fica melhor quando eu me zango, falo cada besteira, digo coisa que não deve, é melhor ficar calada” (Noemi).

“O Saulo é muito ciumento e bebe quando tá com raiva pra esquecer mesmo. O que ele ganha só dá pra pagar a mercearia e pronto. Eu não preciso de nada não, eu aceito tudo isso, eu já sou conformada com a situação. Ele já me fez passar muita vergonha, e eu não volto mais a trabalhar porque ele não quer. Não quer que eu tenha amiga pra sair de casa” (Sara).

Diante desses pensamentos e comportamentos atribuídos pelas informantes do estudo em relação aos seus vários papéis e responsabilidades, percebe-se que o mito da maternidade, de acordo com Forná (1999: 11) é o:

...mito de mãe perfeita. Ela deve ser completamente devotada não só aos filhos, mas a seu papel de mãe. Deve ser a mãe que compreende os filhos, que dá amor total e, o que é mais importante, que se entrega totalmente. Deve ser capaz de enormes sacrifícios. Deve ser fértil e ter instinto materno... Acreditamos que ela é a melhor, e a única capaz de cuidar corretamente dos filhos, e que eles exigem sua presença contínua e exclusiva. Ela deve incorporar todas as qualidades tradicionalmente associadas à feminilidade, tais como, acolhimento, ternura e intimidade. Queremos que ela seja assim e é assim que tentamos fazê-la.

Essa atitude de sacrifício e de abnegação pelas mulheres com relação à maternidade, segundo Hrdy (2001), é uma concepção idealizada pela sociedade ocidental que vem se perpetuando ao longo da história. A mulher encara a maternidade como algo instintivo e natural, acreditando que o seu único destino é a procriação e a perpetuação da espécie, entregando-se totalmente aos cuidados com o filho e abdicando de seus ideais femininos. A autora, no entanto, não concorda com tal premissa, mostrando que esses estereótipos de mãe ideal e abnegada devem ser rompidos, visto que as mulheres, atualmente, têm-se reportado a outras aquisições na sociedade contemporânea, relutando e questionando o fato de a maternidade ser o seu ideal feminino.

Conclusão

Podemos constatar, a partir dos depoimentos das multigestas, que elas se encontravam envolvidas por uma relação de dependência com os companheiros e que eles exerciam uma relação de poder e de dominação. Observamos, portanto, que tais atitudes de subordinação, de submissão e de abnegação estão estreitamente confrontadas com a própria relação de gênero que envolve o homem e a mulher.

Apesar das conquistas alcançadas pelo movimento feminista nas conjecturas políticas, sociais e econômicas, percebemos que, ainda hoje, muitas

mulheres brasileiras, e aqui ressaltamos restritamente as informantes desse estudo, apresentaram padrões comportamentais que estão ainda imbricados em uma sociedade machista e patriarcal, pois a presença de atitudes de alguns dos companheiros das multigestas em não participarem nas divisões das tarefas domésticas e no cuidado com os filhos, responsabilizando-se somente com o provimento do orçamento familiar e impedindo que a mulher trabalhe, tenha amigos, dentre outras, revela que a sociedade patriarcal, apesar de obsoleta para os nossos dias em nossos lares, está bem presente.

Esse patriarcalismo e paternalismo insertos nos lares das multigestas, expressos na condição feminina de gênero, implicam mulheres obedientes e domésticas, as quais assumem todas as responsabilidades e papéis que a sociedade lhes atribui, como se fossem “naturais” e próprios da mulher, levando-as a uma sobrecarga de atividades, e colocando em um segundo plano os seus desejos e os anseios.

Logo as multigestas continuam assumindo todas os encargos dentro e fora de casa, exigindo eficácia em seus papéis, não podendo errar ou ter raiva, tristeza, pois a gravidez e a maternidade, que ainda hoje são regidas por mitos, crenças e costumes, fazem elas sentirem a necessidade de procurarem ser mães perfeitas e inabaláveis, colocando sobre si uma sobrecarga que as leva a uma violência social silenciada.

Os profissionais, portanto, precisam promover um cuidado personalizado, que ajude a mulher a ter o seu bem-estar e a saúde, podendo agir e decidir cuidados de enfermagem que preservem, acomodem ou repadronizem o cuidado cultural, não determinando que as tomadas de decisões estejam sempre direcionadas para reestruturação do cuidado. Os profissionais não podem desconsiderar o cuidado popular da multigesta e as suas experiências anteriores, considerando como únicos detentores do

saber científico e técnico, bem como precisam estar preparados para essa abordagem cultural, pois a complexidade que permeia as relações de gênero é relevante para que o cuidado possa facilitar na promoção de seu cuidar.

Referências

- BAPTISTA, S.M.S. *Maternidade & profissão: oportunidades de desenvolvimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995.
- FORNA, A. *Mãe de todos os mitos: como a sociedade modela e reprime as mães*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.
- HAGUETTE, T.M.F. *Metodologias qualitativas na sociologia*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.
- HRDY, S.B. *Mãe natureza: uma visão feminina da evolução: maternidade, filhos e seleção natural*. Rio de Janeiro: Campus, 2001.
- LEININGER, M.M. *Culture care diversity & universality: a theory of nursing*. New York: National League for Nursing Press, 1991.
- MINAYO, M.C. S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1996.
- MINAYO, M.C.S.; SANCHES, O. Quantitativo ou qualitativo : oposição ou complementariedade? *Cadernos de Saúde Pública*, v. 9, n. 3, p. 239 - 262, Jul./Set.1993.
- MOREIRA, M. I. C. *Gravidez e identidade do casal*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.
- RODRIGUES, G. C. *Planejamento familiar*. Rio de Janeiro: Ática, 1990.
- SILVA, M.A.D. *Todo poder às mulheres: esperança de equilíbrio para o mundo*. 3. ed. São Paulo: Best Seller, 2001.
- SPRADLEY. *Participation Observation*. Florida: Rinehart & Winston, 1980.
- TOSCANO, M.; GOLDENBERG, M.A. *Revolução das mulheres: um balanço do feminismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Revan, 1992.

Received on July 01, 2004.

Accepted on October 18, 2004.